

## A música no texto dos artistas-viajantes: Rio de Janeiro, século XIX

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA ou SIMPÓSIO: musicologia

*Marcia E. Taborda*

*Escola de Música da UFRJ - marciataborda@musica.ufrj.br*

**Resumo.** Propõe-se documentar, através da consulta à literatura dos artistas-viajantes, a prática musical desenvolvida no Rio de Janeiro oitocentista como percebida pelo olhar estrangeiro. Para tanto foi realizada extensa consulta à bibliografia de referência visando estabelecer critérios metodológicos que permitam o melhor desenvolvimento da proposta. Interessa-nos estabelecer um diálogo crítico com a documentação brasileira, ferramenta e contraponto ao olhar do outro, visando compreender uma construção erigida a partir de uma realidade intelectual diversa para temas da nossa cultura e sociedade.

**Palavras-chave.** Viajantes. Música brasileira. Século XIX. Documentação musical.

**Title.** Music References in Travel Literature: Nineteenth-century Rio de Janeiro

**Abstract.** We aim to document, through travel literature, the 19th-century musical practice in Rio de Janeiro as described by foreigners. We have extensively consulted bibliographical references in order to establish methodological criteria. Our goal is to analyze through a critical dialogue the way our culture and society were perceived from an overseas perspective.

**Keywords.** Travel literature. Brazilian music. Nineteenth century.

### 1. Introdução

A historiografia brasileira tem como uma de suas principais inspirações a literatura de viagem do século XIX. Os relatos dos viajantes que aqui aportaram, não apenas têm sido utilizados como fonte de dados sobre o Brasil, como têm contribuído para a formação de grandes linhas interpretativas de nossa história. Como bem observou Ana Maria Belluzzo, “o interesse que a contemporaneidade encontra no reexame da contribuição dos viajantes que passaram pelo Brasil é um reconhecimento de que eles escreveram páginas fundamentais de uma história que nos diz respeito” (BELLUZZO, 1994, 13).

Foram inúmeros os viajantes, diferentes as nacionalidades e absolutamente distintas as personalidades em sua formação e visão de mundo; chegando a nosso território coletaram plantas, esqueletos de animais, amostras de minério, e à sua maneira forneceram

dados sobre a paisagem natural, a paisagem humana e o comportamento de nossa gente. Os temas abordados são de extrema riqueza e variedade.

Em alguns textos sobressai o comentário ácido, o desconforto e o estarrecimento frente à escravidão, às características tropicais, ao contínuo rumor das ruas, ao cheiro e às cores da cidade, ao contraste gritante da paisagem humana. Outros autores, no entanto, nutriam o desejo pela aventura e o grande sonho de visitar nosso país, como Louis Agassiz:

Eu me sentia atraído pelo Brasil por um desejo de quase toda a minha vida. Aos vinte anos de idade, quando era eu apenas um estudante, Martius encarregou-me, por morte de Spix, da descrição dos peixes colecionados no Brasil por esses dois célebres viajantes. Desde então, veio-me repetidas vezes a ideia de ir estudar aquela fauna no seu próprio país; era um projeto sempre adiado, por falta de ocasião oportuna, mas nunca abandonado (AGASSIZ, 2000, 13).

Em 1850 Agassiz casou-se com Elizabeth Cabot Cary, coautora da obra, como ele mesmo conta:

Partimos de Nova Iorque a 1º de abril de 1865; neste livro se encontrará a narração da nossa feliz e agradável travessia; [...] Uma palavra, agora, a respeito de como foi feito este livro. Ele é produto mais das circunstâncias que de um propósito premeditado. Um pouco para a satisfação de seus amigos, um pouco pela ideia de que me seria útil ligar umas às outras as minhas observações científicas por meio de uma narrativa, a Sra. Agassiz registrou dia a dia as nossas aventuras. Habituei-me desde logo a fornecer-lhe a nota quotidiana dos resultados dos meus trabalhos, bem seguro de que ela nada deixaria perder-se do que merecesse ser conservado [...]. E é tal como foi escrito, salvo algumas ligeiras modificações, que publicamos esse relato (AGASSIZ, 2000, 17).

A literatura de viajantes nos dá acesso a documentos que não podem ser desprezados, mas que certamente devem ser compreendidos sob o olhar do outro, e colocados em perspectiva e crítica. A riqueza de informações e o amplo conjunto de dados fornecidos pelos viajantes levou Sérgio Buarque a denominar este momento na produção bibliográfica do século XIX, como um “novo descobrimento do Brasil” (HOLANDA, 1975, 13).

## **2. Uma pesquisa de longo prazo**

A proposta aqui descrita se configura como o desdobramento e continuidade da pesquisa “Da viola à viola grande, a música no Rio de Janeiro dos artistas viajantes”, contemplada pelo CNPq com Bolsa de Produtividade em Pesquisa, nível 2, desenvolvida entre março de 2017 e fevereiro de 2020. O projeto tinha por objetivo geral consultar a literatura de viagem produzida no Rio de Janeiro durante século XIX, buscando ressaltar nos

registros acerca da música, unicamente as referências à viola e ao violão e, sobretudo, à inserção destes instrumentos no ambiente cultural e social da cidade do Rio de Janeiro.

Iniciada a pesquisa, estabelecemos duas principais atividades a serem desenvolvidas concomitantemente: o levantamento de textos, um trabalho contínuo e o início da leitura e transcrição das obras selecionadas. No momento inicial foi elaborada uma relação de cerca de 40 obras publicadas pelos autores mais conhecidos dentre aqueles que visitaram o Rio de Janeiro. Sabemos que o trabalho do pesquisador é determinado pela experiência acumulada ao longo dos anos de ofício, pela capacidade de investigação para o conhecimento da bibliografia pertinente, e ainda pelo estabelecimento dos procedimentos metodológicos que permitirão o melhor desenvolvimento da pesquisa. Ainda assim há elementos que surpreendem e que acabam por determinar ajustes ou novos rumos à proposta original.

Após dois anos de levantamento bibliográfico chegamos à espantosa relação de obras dedicadas ao Rio de Janeiro escritas por viajantes durante o século XIX: cerca de 600 volumes, uma assombrosa descoberta. Conhecer a quantidade do material a ser investigado impôs uma série de questões e novos critérios relacionados à organização de dados, ao que transcrever, como enfrentar os diversos idiomas encontrados, se os textos deveriam ser transcritos no original ou traduzidos, se a lista final seria organizada a partir da relação de palavras-chave, que tipo de obra poderia resultar e sobretudo como produzir um material que permitisse uma análise crítica. Todas essas considerações foram feitas e incorporadas à proposta atual.

O trabalho até então desenvolvido e encaminhado ao CNPq, compõe-se da lista integral dos viajantes que estiveram no Rio de Janeiro durante o século XIX (que nos foi possível constituir), acrescida da data de publicação; além da transcrição dos relatos, apresentamos considerações sobre as diferentes edições de cada obra e ainda um breve perfil biográfico de cada autor. Chegamos então à fase atual, ainda marcada por dúvidas, mas também por algumas certezas: trata-se de um trabalho de longo, longuíssimo prazo, importante, necessário, que não deve ser restrito à viola e ao violão, que deverá resultar numa grande obra de referência a ser compartilhada virtualmente.

### 3. A música no texto dos artistas-viajantes

Embora muito pouco se tenha escrito sobre o tema da música a partir do olhar dos viajantes, são inúmeros os textos da bibliografia musical brasileira que, em contrapartida, se valeram dessas observações como praticamente a quase única fonte documental relativa à cultura e à música dos oitocentos.

As descrições são muitas e de natureza diversa. Se por um lado identificamos relatos de festas em que a realeza tomava parte, cortejos, procissões, festas cívicas – o dia da independência, aniversários e falecimentos, maioridade – descrições sobre a música religiosa, sobre os eventos nas grandes salas de concerto do Império em que tomavam lugar a orquestra, cantores, instrumentistas, a ópera; por outro lado, os viajantes não deixaram de narrar, com forte dose de surpresa, a música ouvida nas ruas do Rio de Janeiro, notadamente o canto e o instrumental de escravos, as cavalladas, congadas e batuques, festas como o Divino, o dia de Reis, o entrudo e o carnaval.

A consulta aos textos originais se revela de fundamental importância para a correta documentação de nossa música. Um exemplo flagrante vem da utilização dos textos produzidos por Jean Baptiste Debret, artista que chegou ao Rio de Janeiro em 1816, e que registrou no livro “Viagem pitoresca e histórica ao Brasil”, documentos relativos aos resultados dessa “expedição pitoresca”, criando uma obra que pela riqueza de informações tornou-se referência obrigatória para os estudiosos da história e da cultura brasileiras.

No capítulo “Loja de barbeiros”, o autor descreve os atributos e peculiaridades desse profissional: “Dono de mil talentos, ele (o barbeiro) tanto é capaz de consertar a malha escapada de uma meia de seda, como de executar, no violino ou na clarineta, valsas e contradanças francesas, que ele arranja, na verdade, a seu modo” (DEBRET, 1835, 50).<sup>1</sup>

José Ramos Tinhorão, pesquisador cuja produção se revela preciosa ferramenta para quem se interessa pelo estudo da música popular brasileira, investigou em alguns de seus livros a chamada música de barbeiros, como em *Música popular – um tema em debate*, no qual lhe dedica um capítulo. Ao mencionar a atividade destes profissionais, Tinhorão se vale das preciosas anotações de Debret, assim traduzidas: “Dono de mil talentos, ele (o barbeiro) tanto é capaz de consertar a malha escapada de uma meia de seda, como de

executar, no violão ou na clarineta, valsas e contradanças francesas, em verdade arranjadas em seu modo” (TINHORÃO, 1998, 131).

Ao utilizar a referência ao violão e à clarineta como instrumental característico dos barbeiros, o autor concebe uma relação de familiaridade entre a música de barbeiros e a dos chorões, grupo que se estabeleceria na cidade do Rio de Janeiro por volta de 1870, atestando que aqueles seriam de fato precursores destes. A música dos chorões, esta sim teve no instrumental - solista acompanhado de violões e cavaquinhos- uma de suas principais características. Tinhorão completa a análise afirmando que “na cidade do Rio de Janeiro foi a música de barbeiros mãe do choro, avó do regional profissional do rádio e bisavó dos conjuntos de bossa nova” (TINHORÃO, 1998, 129).

Voltando à informação original, deve-se observar que Debret menciona como instrumentos executados pelos barbeiros o *violon*<sup>2</sup> ou seja o *violino* e a clarineta, não fazendo qualquer alusão, ao menos neste trecho, à presença da *guitare*, a viola ou o violão brasileiros. Esse erro de tradução, reproduzido ainda em obras recentes, se difundiu pela literatura musical brasileira perpetuado por diversos autores em diferentes contextos. É sobretudo surpreendente que o engano tenha sido cometido por Sérgio Milliet, tradutor da edição integral da obra, provável fonte de informação dos pesquisadores de nossa música.

#### 4. Considerações finais

Esta breve descrição permite vislumbrar a importância dos relatos de viajantes como fonte primordial para a documentação da cultura musical estabelecida no Rio de Janeiro oitocentista. Se de maneira geral, ao consultar a literatura de viagem, historiadores demonstram interesse em analisar registros artísticos, dedicando-se por exemplo à pintura, nota-se que sistematicamente evitam a música, indicando provavelmente que a acessibilidade ao tema é de fato complexa.<sup>3</sup> Por este motivo não foi possível encontrar estudos que no âmbito da literatura de viagem contemplem o fazer musical. Para corroborar o fato, verifica-se que nos capítulos dedicados à literatura de viajantes que constam da monumental *Brasiliana* da Biblioteca Nacional, a música está absolutamente ausente das considerações de importantes autores. Da mesma forma é intrigante o fato de que o tema tampouco tenha sido explorado pela musicologia brasileira.

Em levantamento realizado nos Anais de importantes encontros como os da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM), do Encontro de

Musicologia Histórica e superficialmente nos Anais da Associação Nacional de História (ANPUH), não foi possível identificar qualquer estudo dirigido ao tema; exceção que confirma a regra é o artigo intitulado: “Marimbas de Debret: presença musical africana na iconografia brasileira oitocentista”, de autoria de Salloma Salomão Jovino da Silva, publicado nos anais do encontro Sonoridades luso-afro-brasileiras realizado em Lisboa em novembro de 2003.

Cumpra observar que embora a grande maioria de textos que constituem a bibliografia musical especialmente dedicada ao período colonial e Império recorra à documentação de viajantes, nota-se que frente ao número aproximado de 600 obras produzidas ao longo do século XIX, não são muitos os autores consultados e neste sentido temos tido acesso a relatos de viajantes que se tornaram mais conhecidos, como Auguste de Saint-Hilaire, Freycinet, John Luccock, Maria Graham, Jean-Baptiste Debret, Johan Moritz Rugendas, Spix e Martius, apenas para nomear alguns, e de maneira geral ainda desconhecemos o nome e a obra de grande número de autores que aqui estiveram. Acreditamos assim que a anotação sistemática desta produção constituirá importante ferramenta de pesquisa e necessária fonte de consulta à produção de novos trabalhos.

Como pontuou Vera Beatriz Siqueira, desde os descobrimentos, europeus singraram mares em busca de novidades, visando “abastecer a infinita curiosidade dos gabinetes recém-criados; (...) ao viajante moderno não cabe mais apenas a recolha de pedaços brutos de um universo remoto, e sim a sua transformação em imagem” (SIQUEIRA, 2001, 79). Rever o Brasil em forma de texto, representação.

É esta a longa viagem que aqui se propõe.

### Referências

- AGASSIZ, Louis e CARY, Elizabeth. *Viagem ao Brasil, 1865 – 1866*. Coleção o Brasil visto por estrangeiros. Tradução e notas de Edgar Sússekind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, 2000.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Metalivros, 1994.
- DEBRET, J. B. *Viagem pitoresca e histórica*. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1981. 2 v.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*. Tomo II, Paris: Firmin Didot Frères, imprimeurs de L’Institut de France, 1835.



HOLANDA, Sérgio Buarque. A herança colonial, sua desagregação. In: HOLANDA, S. B. (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*, tomo II, 1º volume. São Paulo: Difel, 1975.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. Estranhamento e artifício: Imagens do Brasil na arte dos viajantes do século XIX. In PEREIRA, Paulo Roberto (org). *Brasiliana da Biblioteca Nacional: guia de fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Nova Fronteira, 2001.

TINHORÃO, José Ramos. História social da música popular brasileira. São Paulo: 34, 1998

## Notas

---

<sup>1</sup> Tradução nossa. “Inépuisable en talents, il est aussi capable de reprendre sur-le-champ une maille échappée à un bas de soie que d’executer sur le *violon*, ou la clarinette, des walses ou des contredanses françaises, qui l’arrange, il est vrai, à sa maniere”.

<sup>2</sup> Petit Robert, Dictionnaire de la langue Française. Paris: Le Robert. 1977. p. 2098 (Vyolon, 1500; it. Violone <grosse viole, contrebasse>, le mot pour violon étant violino). Instrument de musique à quatre cordes accordées en quintes, que l’on frotte avec un archet et qui se tient entre l’épaule et le menton.

<sup>3</sup> Este tema foi abordado no artigo *Musicologie et histoire: Frontière ou "no man's land" entre deux disciplines?*, de autoria de Myriam Chimènes. Publicado na Revue de Musicologie, t. 84, No. 1 (1998), pp. 67-78